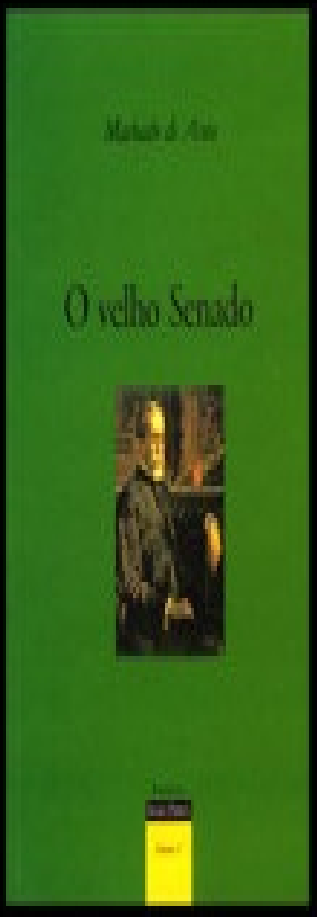
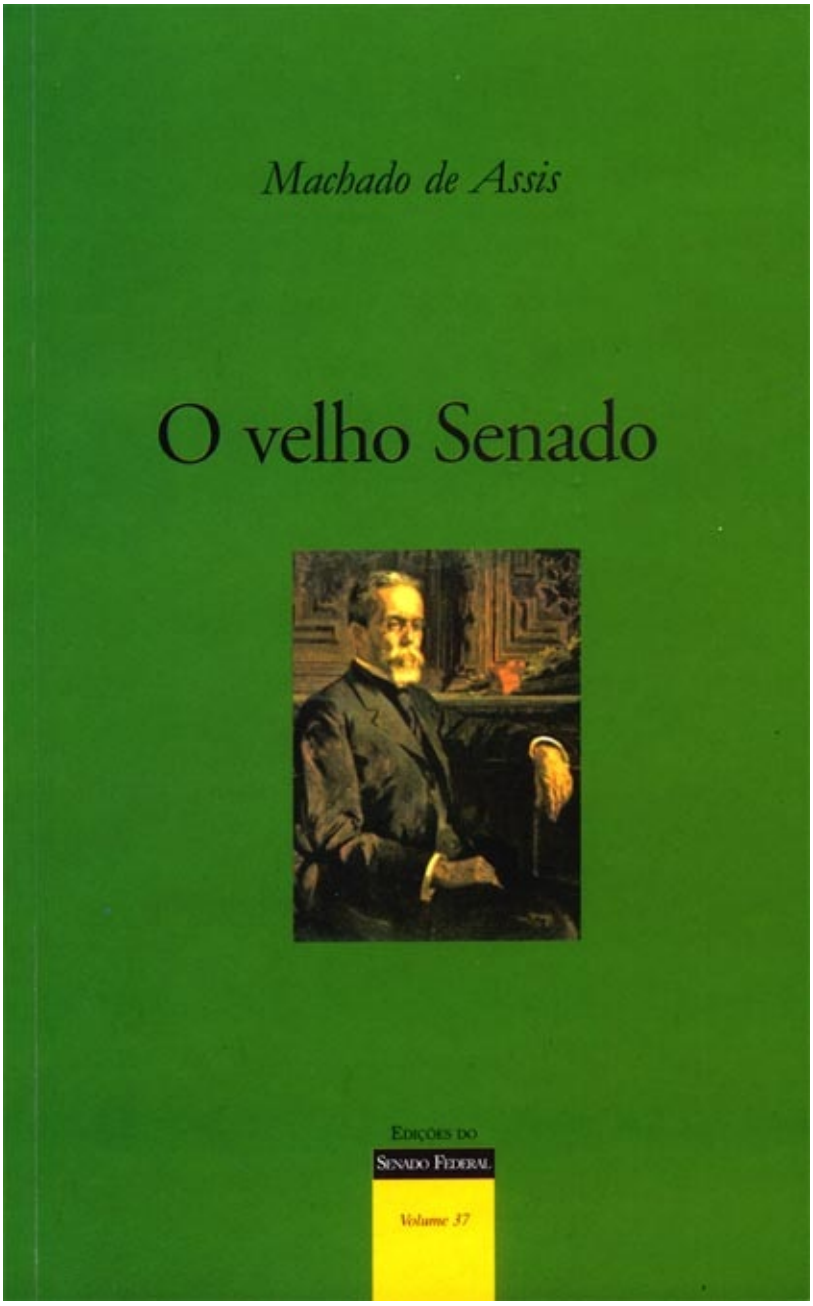


SENADO FEDERAL
CONSELHO EDITORIAL

CONSELHO EDITORIAL
SENADO FEDERAL



ConselhoEditorial

Edições Eletrônicas

O velho Senado

Machado de Assis

Biblioteca Básica

Classicos da Política

Memória Brasileira

Brasil 500 anos

O Brasil Visto por Estrangeiros

Para visualizar esta obra é necessário o acrobat reader 4.0.

Se você nâo possui esta versão instalada em seu computador,

clique aqui, para fazer o download.



Página anterior

Sumário

. . . . . .

O VELHO SENADO



Mesa Di re to ra

Biê nio 2003/2004

Se na dor José Sar ney

Pre si den te

Se na dor Pa u lo Paim

Se na dor Edu ar do Si que i ra Campos *1º Vice-Pre si den te*

2 *º Vi ce-Presidente*

Se na dor Ro meu Tuma

Se na dor Alber to Sil va

1º Se cre tá rio

2º Se cre tá rio

Se na dor He rá cli to Fortes

Se na dor Sér gio Zam bi asi

3º Se cre tá rio

4º Se cre tá rio

Su plen tes de Se cre tá rio

Se na dor João Alber to Souza

Se na dora Serys Slhessarenko

Se na dor Ge ral do Mes qui ta Júnior Se na dor Mar ce lo Cri vel la

Con se lho Edi to ri al

Se na dor José Sarney

Jo a quim Cam pe lo Mar ques

Pre si den te

Vi ce-Presidente

Con se lhe i ros

Car los Hen ri que Car dim

Carl yle Cou ti nho Ma dru ga

João Almi no

Ra i mun do Pon tes Cu nha Neto



. . . . . .

Edi ções do Se na do Fe de ral – Vol. 37

O VELHO SENADO

Ilus tra ções de S. A. Sis son

Bra sí lia – 2004

EDIÇÕES DO

SENADO FEDERAL

Vol. 37

O Con se lho Edi to ri al do Se na do Fe de ral, cri a do pela Mesa Di re to ra em 31 de ja ne i ro de 1997, bus ca rá edi tar, sem pre, obras de va lor his tó ri co e cul tu ral e de im por tân cia re le van te para a com pre en são da his tó ria po lí ti ca, eco nô mi ca e so ci al do Bra sil e re fle xão so bre os des ti nos do país.

Pro je to grá fi co: Achil les Mi lan Neto

© Se na do Fe de ral, 2004

Con gres so Na ci o nal

Pra ça dos Três Po de res s/nº – CEP 70165-900 – Bra sí lia – DF

CEDIT@se na do.gov.br

Http://www.se na do.gov.br/web/con se lho/con se lho.htm

. . . . . .

Assis, Ma cha do de, 1839-1908.

O ve lho Se na do / Ma cha do de Assis. -- Bra sí lia : Se na do Fe de ral, Con se lho Edi to ri al, 2004.

86 p. -- (Edições do Senado Federal ; v. 37) 1. Crô ni ca, Bra sil. 2. Li te ra tu ra, Bra sil. 3. Po lí ti ca e go ver no, Bra sil. I. Tí tu lo. II. Sé rie.

CDD B869.8

. . . . . .

. . . . . .

Su má rio

NOTA DO EDITOR

pág. 9

Li ções po lí ti cas de

Ma cha do de Assis,

por José Sar ney

pág. 11

O ve lho Se na do

pág. 21

Crô ni ca de

1 de no vem bro de 1861

pág. 55

Crô ni ca de

13 de de zem bro de 1896

pág. 71

No tas bi o grá fi cas de

Se na do res do Impé rio

em “O ve lho Se na do”

pág. 79

Sumário

NOTA DO EDITOR

O Con selho Edi torial do Se nado da Re pública traz a lume três crô nicas po líticas de Ma chado de Assis com suas su tis ob servações so bre a po lítica de sua época.

A pri meira, crô nica de at mosfera do sé culo XIX no Rio de Ja neiro, en tão ca pital do Impé rio, re traça a ga -

leria das prin cipais per sonalidades po líticas no âm bito do "Ve lho Se nado".

Machado de Assis foi co mentarista po lítico a par tir de 1861 (em pri meiro de no vembro pu blicou sua pri meira crô nica po lítica na co luna "Co mentário da Se mana", do Diário do Rio de Ja neiro *assinada por Gil, um de seus pse udônimos). Tal ati vidade de co mentarista po lí-*

tico en cerrou-se com a crô nica pu blicada na co luna "A Semana", do jor nal Gazeta de No tícias *, no dia 13 de dezembro de 1896. Estas duas crô nicas in tegram a presente edi ção.*

É com or gulho que o Con selho Edi torial anun cia a publicação para bre ve da to talidade das crô nicas ma -

chadianas ver sando so bre a po lítica de seu tem po.

Sumário

LIÇÕES POLÍTICAS

DE MACHADO DE ASSIS

JOSÉ SARNEY

APRIMEIRA vez que li a crô nica de Ma chado de Assis sobre a vida par lamentar, em Páginas Re colhidas *, de 1899, trou xe-me sen sação in delével de que o tem po não pas sa. Ali es tava o Se nado, o ve lho Se nado vi talí-*

cio do Impé rio, vivo pelo mi lagre da pa lavra. Mu itas ve -

zes reli essa pá gina de gê nio, que fi cará eter na, eter ni-zando a ve lha Casa.

É ela hoje, atra vés dos tem pos, a memória, a fo tografia, o tes temunho de finitivo de uma parte da his tória do Par lamento bra sileiro.

O cro

nista par

lamentar, ex traordinário, sou be ser

mais de finitivo do que os pró prios Ana is. É uma som -

bra aque le con tínuo que fe cha a por ta, no mo mento inaugural da Re pública, der radeiro do re inado de Pedro II. Mas é um sím bolo. Ele fe cha a por ta de uma época e de ixa o sa bor de uma gran de so lidão.

Mas, Ma chado de Assis não deve ser lem brado so-mente por esse de poimento. Bas ta ver sua con vivência com o Par lamento e a po lítica.

A mais an tiga re miniscência de Ma chado de Assis sobre a ati vidade po lítica de nos so País está numa crô -

nica de 9 de ju nho de 1878, pu blicada na re vista O

Cruzeiro *, as sinada por um dos pse udônimos do es critor,* Eleazar .

É in teressante ob servar, an tes de trans crever o tre -

cho ex pressivo, que a me mória do cro nista, nes sa vol ta a si mesmo, fixa-se, com olhos de me nino, num epi só-

dio par lamentar.

Vamos à con fissão ma chadiana: “A pri meira vez que as sisti a uma ses são do Par lamento era bem cri -

ança. Re cordo-me que, ao ver um ora dor opo sicionista, após meia hora de um dis curso acer bo, in clinar-se sobre a ca deira do Mi nistro e ri rem am bos, sen ti uma espécie de de sencanto. Esfre guei os olhos; não lhes podia dar cré dito. Era tão di ferente a no ção que eu ti -

nha dos há bitos par lamentares! A re ação veio; e en-tão com preendi que a mais bela co isa das lu tas par lamentares é jus tamente a es tima das pes soas, de en -

volta com as dis senções de prin cípios, es pírito de to le-râncias que não co nhecem ain da as po voações rús ticas. A este res peito, con tam es tas a mes ma ida de que eu ti nha, quan do pela pri meira vez pus os olhos no Parlamento."

– 13 –

Convém acen tuar, como o fez Jo sué Mon tello, em O

Presidente Ma chado de Assis*, que hou ve em Ma chado, no mais alto grau, o sen so ob jetivo da vo cação po lítica, o que o le varia, an dando o tem po, e já no al tiplano da maturidade li terariamente re alizada, a com por, or gani-zar e im por-se uma ro tina de tra balho, quan do con se-guiu con ciliar as duas ver tentes – a do es critor e a do político – na cri ação do seu Se nado vi talício, a Aca demia Bra sileira de Le tras, do qual se ria pre sidente en-quanto vi veu.*

A vida po lítica do Bra sil, en quanto luta, li tígio, cam -

panha e pro posição teó rica, sem pre en controu na pena de Ma chado de Assis o seu ar guto co mentador.

Políticos e po lítica há nos seus con tos, crô nicas, discursos, ro mances e no seu te atro, quer como alu -

são ex plícita, quer como re flexão opor tuna.

Até em ver sos jo cosos, com os qua is dis traía a si mesmo e aos le itores, numa co luna de jor nal, o es critor se ma nifesta, a esse pro pósito como numa das fa mosas ga zetas de Ho landa, em que nos diz em ver so, com a pena de cro nista, não ter que rido o há bito da Rosa, o há bito de Cris to, Avis, ou mes mo a fita do Cru -

zeiro do Sul. E, de finindo-os:

"São mo edas da co roa,

E eu, de mocrata, não devo

Expor a mi nha pes soa

A ser con trária ao que es crevo.” E con cluía em pro fissão de fé po lítica:

– 14 –

“Não é só a Mo narquia

Que tem plan tas re verendas; Vento da de mocracia

Também faz bro tar co mendas.” A con clusão do au tor dos Tambores de São Luís *deve ser aqui in vocada: “Na pre sidência da Aca demia, por for ça da con dição do es pírito aca dêmico, Ma chado de Assis en controu a so lução ide al de sua vo cação po -*

lítica, re alizou-se po liticamente, sem se afas tar da ór-bita li terária, e o fez com um tato inex cedível, sa bendo que se deve com por a vida, se gundo Ma dame de Val -

more, como se cos tura – pon to por pon to.” Poder-se-ia con cluir, de modo su mário, que Ma chado de Assis te ria tido a vo cação po lítica. A au têntica.

A que traz em si o ím peto ir reprimível. Ou seja: o gos to da arte de go vernar, do pro cesso para con duzir o povo da ma neira de trans formar o li tígio em de bate, para al -

cançar a so lução pos sível, quer na or dem so cial, quer na or dem in dividual. Mas te ria fal tado ao mes tre de Dom Cas murro *a ap tidão cor respondente, que da ria curso na tural à vo cação po lítica.*

Na ver dade, se bem pen sarmos, tam pouco lhe fal tou a ap tidão, para apo io e es teio da vo cação. Ape nas, em vez de fa zer po lítica, no pla no da vida exe cutiva ou parlamentar, ele pre feriu fa zer a alta po lítica, no pla no da vida li terária, de que a Aca demia, com o re conheci-mento de sua in contestável li derança in telectual, cons -

tituiu o pon to cul minante, a re alização ma ior.

– 15 –

Daí a con ciliação da pena do es critor com a po lítica.

E não ape nas vida po lítica bra sileira. Tam bém a po líti-ca ex terior, a po lítica que se faz lá fora. Mas sem pre voltando à po lítica de nos so país, para co mentar uma eleição, para dar sua opi nião so bre a re forma da Cons -

tituição, para de bater as ques tões que agi tavam o Par -

lamento.

Poucos es critores te rão acom panhado com tan to in-teresse e tan

ta acu

idade a vida po

lítica bra

sileira

como o ma ior de to dos. Nada lhe es capa. A pena do cronista, ou a pena do ro mancista e do con tista, está sempre vi

gilante, não pro

priamente para com

bater,

como os po líticos exal tados, mas para es clarecer, para opinar. Di rei mes mo: Para ser um es tadista, só fal tou a Ma chado de Assis o exer cício da po lítica, na Câ ma-ra, no Se nado, no Mi nistério. O es tadista que ele sou be ser no pla no das le tras. E que cer tamente te ria sido, com a sua am pla vi são do mun do, no pla no da vida política efe tiva.

Mas, mes mo as sim, ten tou uma ca deira de de putado por um dis trito de Mi nas Ge rais, como res saltei em meu dis curso de pos se na Aca demia Bra sileira de Le-tras.

Não fa rei uma afir mação te merária ao es crever que a his tória da po lítica na cional não pode ser es crita, no espaço com preendido pela vida de Ma chado de

Assis, sem o tes temunho do Mes tre de Dom Cas murro . *E*

com esta van tagem su perior: ele pôs a com preensão no

– 16 –

lugar da pa ixão, sem pre que ana lisou um pro blema, retratou um po lítico ou de finiu uma si tuação, no cur so de nos sa his tória po lítica.

Estou a lem brar, ago ra, a crô nica de 30 de outu bro de 1892, em que, de pas sagem, es boçou o per fil do Se -

nador Fran cisco Ota viano: "A atu al mo cidade não co-nheceu Ota viano; viu ape nas um ho mem ave lhantado e en fraquecido pela do ença, com um ros to pá lido daquele riso que Vol taire lhe man dou do ou tro mun do.

Nem res to, uma som bra de res to, tal vez uma sim ples reminiscência de ixada no cé rebro das pes soas que o co -

nheceram en tre trin ta e qua renta anos." Para com preendermos com exa tidão a pá gina evo ca-tiva, cum pre-nos ter em men te o que nos ad verte o pró -

prio Ma chado de Assis, no iní cio da quela pá gina: "Tem -

pos do papa! tem pos dos car deais! Não falo do papa católico, nem dos car

deais da San

ta Igre

ja ro

mana,

mas do nos so papa e dos nos sos car deais. F. Ota viano, então jor nalista, foi quem achou aque las de signações para o Se nador Eu sébio e o es tado-maior do Par tido Conservador. Era eu pou co mais que um me nino..." Prossegue o cro nista, pu xando o fio da me mória:

"Um dia, um do mingo, ha via ele ições, como hoje. Papa e car deais ti nham o po der nas mãos, e, sen do o re gime de dois gra us, en traram eles pró prios nas

cha pas de eleitores, que eram es colhidos pe los vo tantes. Os li berais re solveram lu tar com os con servadores, apre sen-taram cha pas suas e os des barataram. O pon tífice,

– 17 –

com to dos os mem bros do con sistório, mal pu deram sair su plentes. E Ota viano, fér til em me táforas, cha-mou-lhes es

quifes. “Mais um es

quife”, di

zia ele no

Correio Mer

cantil , *du*

rante a apu

ração dos vo

tos.

“Luta de ener gia, luta de mo tejos. Ro cha, jor nalista conservador, ria ca usticamente do len cinho bran co de Teófilo Otto ni, o cé lebre len ço com que este con duzia a multidão, de pa róquia em pa róquia, acla mando e acla -

mado. A mul tidão se guia ale gre, tu multuosa, le vada

por se dução, por um ins tinto vago, por efe ito da pa lavra – um pou quinho por ofí cio. Não me lem bra bem se houve al

guma urna que

brada; é pro

vável que sim.

Hoje mes mo as ur nas não são de bron ze. Não vou ao ponto de afir mar que

não as hou ve pe jadas. Que é a política se

não obra de ho

mens? Cres

cei e mul

tipli-

cai-vos."

São nu merosas, ao lon go dos ro mances e dos con tos de Ma chado de Assis, as re flexões so bre a po lítica, si -

nal de que o es critor não se li mitou, como cro nista, a opiniar so bre fa tos re ais, à mar gem da po lítica bra sile i-ra, mas as sociou essa po lítica ao seu mun do de fic cionista.

Está em Qu incas Bor ba: "Em po lítica, a pri mei ra co isa que se per de é a li berdade." E, numa peça de te atro, Quase mi nistro *: "Em po lítica, ser ló gico é ser pro feta." Quem quer que te nha a ex periência da po lítica, na ordem da exe cução ob jetiva, há de dar ra zão ao Mes -*

tre, nes ta con clusão de suas Histórias sem Data: *"A li -*

berdade não mor re onde res tar uma fo lha de pa pel para de cretá-la."

Para nós, po líticos, a quem foi dado o pri vilégio de fazer da po lítica o ti rocínio de toda uma vida, a obra machadiana é um re encontro con tínuo de nos sas pró-

prias ex periências. "Vi ver não é ape nas ver pas sar", como con cluía Ama do Ner vo. É, so bretudo, co nhecer e confrontar. A le itura de uma obra como a de Ma chado de Assis au menta nos so co nhecimento, co loca-nos diante de ob servações exa tas que nos am pliam a vi são da vida, com a soma de ex periências do ro mancista.

Qual o po

lítico que não so

freu na sua car

reira o

aguilhão de in justiças fe rozes? Faz par te de nos so ti ro-cínio. Por que o ho mem po lítico é, por na tureza, uma controvérsia.

Ora, um belo dia, já glo rioso, já re alizado, Ma chado de Assis vem a sa ber que um de nos sos ma iores crí ticos, Síl vio Ro mero, aca bara de pu blicar con tra ele, con -

tra sua obra, di minuindo-lhe o va lor, in juriando-o, um livro com pacto de qua se qua trocentas pá ginas. O mes -

tre não se de fendeu. E quan do um jo vem ami go, Ma ga-lhães de Aze redo, fa lou-lhe do li vro, em car ta que lhe escreveu de Roma, li mitou-se a di zer-lhe, na vol ta do cor reio: "É um es tudo ou ata que, como di zem as pes soas que ouço. De no tícias pú blicas vejo que o au tor foi in-justo co migo. A afir mação do li vro é que nada va lho.

Dizendo que foi in justo co migo não ex primo con clusão minha, mas a pró pria afir mação dos ou tros: eu sou

suspeito. O que pa rece é que me es panca. Enfim, é preciso que quan do os ami gos fa zem um tri unfo à gen -

te (leia esta pa lavra em sen tido mo desto), haja al guém que nos en sine a vir tude da hu mildade." Sempre dei gran de va lor a essa li ção ma chadiana.

Sumário

O VELHO SENADO

A PROPÓSITO de al gumas li tografias de Sis son, tive há dias uma vi são do Se

nado de 1860. Vi sões va lem o mesmo que a re tina em que se ope ram. Um po lítico, tornando a ver aque le cor po, acha ria nele a mes ma alma dos seus cor religionários ex tintos, e um his tori-ador co lheria ele mentos para a His tória. Um sim ples curioso não des cobre mais que o pi toresco do tem po e a ex pressão das li nhas com aque le tom ge ral que dão as cou sas mor tas e en terradas.

Nesse ano en trara eu para a im prensa. Uma no ite, como sa íssemos do te atro Gi násio, Qu intino Bo caiúva e eu fo mos to mar chá. Bo caiúva era en tão uma gen til figura de ra paz, del gado, tez ma cia, fino bi gode e olhos serenos. Já en tão ti nha os gestos len tos de hoje, e um pouco da quele ar *distant* que Ta ine achou em Me rimée.

Disseram cou sa aná loga de Chal lemel-Lacour, que al-guém, ul timamente, de

finia como *très ré*

publicain de

conviction et très aris tocrate de tem pérament. O nos so Bocai úva era só a se gunda par te, mas já en tão li beral bastante para dar um re

publicano con

victo. Ao chá,

conversamos pri meiramente de le tras, e pou co de pois de po lítica, ma téria in troduzida por ele, o que me es-pantou bas tante; não era usu al nas nos sas prá ticas.

Nem é exa to di zer que con versamos de po lítica; eu an -

tes res pondia às per guntas que Bo caiúva me ia fa zendo, como se qui

sesse co

nhecer as mi

nhas opi

niões.

Provavelmente não as te

ria fi

xas nem de

terminadas;

mas, qua isquer que fos

sem, cre io que as ex primi na

proporção e com a pre cisão ape nas ade quada ao que ele me ia ofe recer. De fato, se paramo-nos com pra zo dado para o dia se guinte, na loja de Pa ula Bri to, que era na an tiga pra ça da Cons tituição, lado do te atro São Pedro, a meio ca minho das ruas do Cano e dos Ci ga-nos. Re levai esta no menclatura mor ta; é ví cio de me-mória ve lha. Na ma nhã se guinte, achei ali Bo caiúva es -

crevendo um bi lhete. Tra tava-se do *Diário do Rio de Ja* -

neiro, que ia re aparecer, sob a di reção po lítica de Sal-danha Ma rinho. Vi nha dar-me um lu gar na re dação, com ele e Hen rique Cé sar Muz zio.

Estas mi nudências, agra dáveis de es crever, sê-lo-ão menos de ler. É di fícil fu gir a elas, quan do se re cordam cousas idas. Assim, di zendo que no mes mo ano, aber -

tas as câ maras, fui para o Se nado, como re dator do *Diário do Rio*, não pos so es quecer que nes se ou no ou -

tro ali es tiveram co

migo Ber nardo Gu

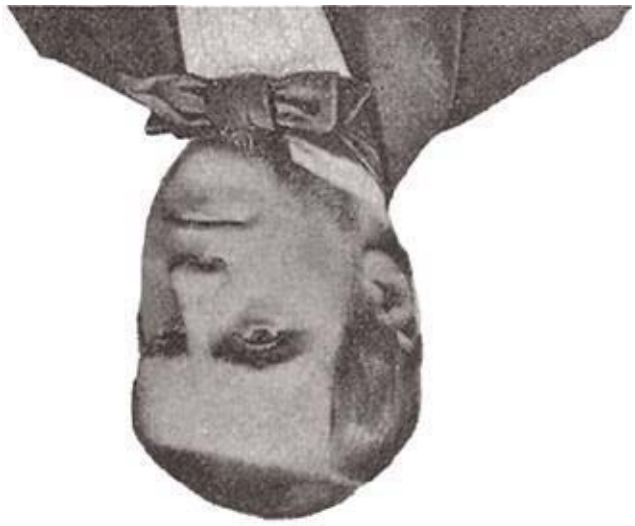
imarães, re

pre-

sentante do *Jornal do Co mércio*, e Pe dro Luís, por par te do *Correio Mer cantil*, nem as boas ho ras que vi vemos os três. Pos to que Ber nardo Gu imarães fos se mais ve lho que nós, par tíamos igual mente o pão da in timidade.



Mar quês de Abran tes



Mar quês do Paraná

– 25 –

Descíamos jun tos aque la pra

ça da Acla mação, que

não era en tão o par que de hoje, mas um vas to cam -

po, in culto e va zio, como o cam po de S. Cris tóvão.

Algumas ve zes ía mos jan tar a um res taurante da rua dos La toeiros, hoje Gon çalves Dias, nome este que se lhe deu por in dicação jus tamente do *Diário do Rio*; o poeta mo

rara ali ou

trora, e foi Muz

zio, seu ami

go,

quem pela nos sa fo lha o pe diu à Câ mara Mu nicipal.

Pedro Luís não ti nha só a pa ixão que pôs nos be los ver -

sos à Po lônia e no dis curso com que, pou co de pois, en -

trou na Câ mara dos De putados, mas ain da a gra ça, o sarcasmo, a ob servação fina e aque le lar go riso em que os gran des olhos se fa ziam ma iores. Ber nardo Gu imarães não fa lava nem ria tan to, in cumbia-se de pon tuar o diá logo com um bom dito, um re paro, uma ane dota.

O Se nado não se pres tava me nos que o res to do mun do à con versação dos três ami gos.

Poucos mem bros res tarão da ve lha casa. Pa ranaguá e Si nimbu ca rregam o peso dos anos com mu ita facilidade e gra ça, o que ain da mais ad mira em Sinimbu, que su ponho mais ido so. Ouvi fa lar a este

bastantes ve zes; não apaixonava o de bate, mas era simples, cla ro, in teressante, e, fi sicamente, não per-dia a li nha. Esta ge ração co nhece a fir meza da quele homem po

lítico, que mais tar

de foi pre

sidente do

Conselho e teve de lu tar com opo sições gran des. Um incidente dos ul timos anos mos trará bem a na tureza dele. Sa indo da Câ mara dos De putados para a Se cretaria da Agri cultura, com o Vis conde de Ouro Pre to,

colega de ga binete, eram se guidos por enor me mul ti-dão de gen te em as suada. O car ro pa rou em fren te à secretaria; os dous ape aram-se e pa raram al guns ins -

tantes, vol tados para a mul tidão, que con tinuava a bradar e apu par, e en tão vi bem a di ferença dos dois temperamentos. Ouro Pre to fi tava-a com a ca beça er -

guida e cer to ges to de rep to; Si nimbu pa recia ape nas mostrar ao co lega um tre

cho de muro, in diferente.

Tal era o ho mem que co nheci no Se nado.

Para ava liar bem a mi nha im pressão di ante daqueles ho mens que eu via ali jun tos, to dos os dias, é preciso não es quecer que não pou cos eram os con-temporâneos da Ma ioridade, al guns da Re gência, do Primeiro Re inado e da Cons tituinte. Ti nham fe ito ou visto fa zer a his tória dos tem pos ini ciais do re gime, e eu era um ado lescen te es pantado e cu rioso. Acha-va-lhes uma fe ição par ticular, me tade mi litante, me -

tade tri unfante, um pou co de ho mens, ou tro pou co de ins tituição. Pa ralelamente, iam-me lem brando os apodos e chu fas que a pa ixão po lítica des ferira con -

tra al guns de les, e sen tia que as fi guras se renas e respeitáveis que ali es tavam ago ra na quelas ca deiras estreitas não ti veram ou trora o res peito dos ou tros, nem pro

vavelmente a se

renidade pró

pria. E ti

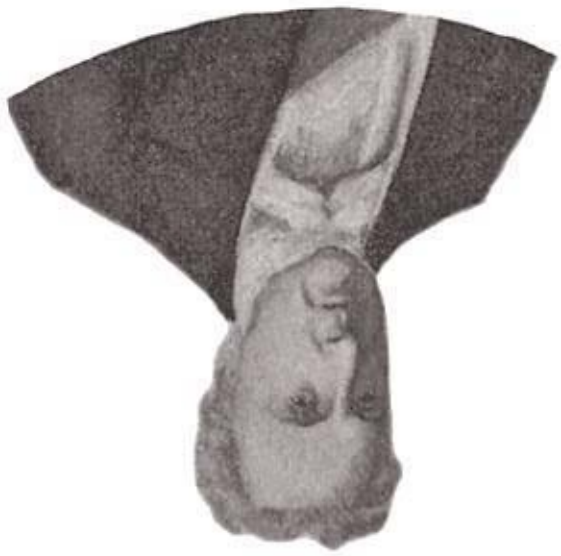
ra-

va-lhes as cãs e ru gas, e fa zia-os ou tra vez mo ços, ár -

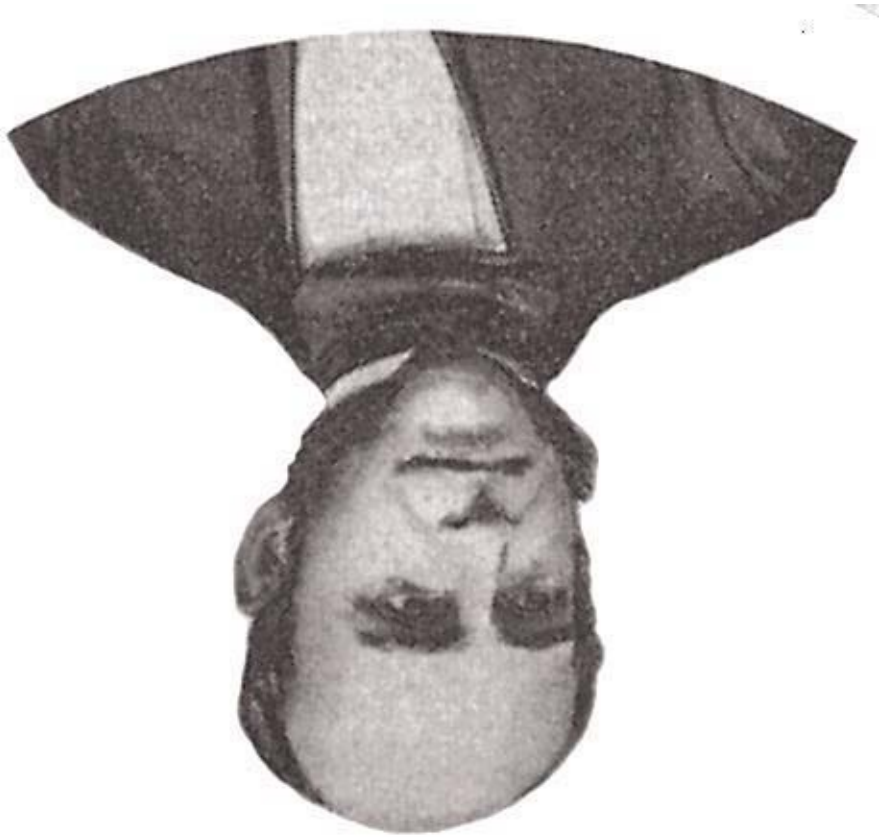
degos e agi tados. Co mecei a apren der a par te do pre -

sente que há no pas sado, e vice-ver sa. Tra zia co migo a *oligarquia*, o *gol pe de es tado de 1848*, e ou tras no -

tas da po lítica em opo sição ao do mínio con servador, e



Mar quês de Paranaguá



Visconde do Rio Branco

– 29 –

ao ver os ca bos des te par tido, ri sonhos, fa miliares, gracejando en tre si e com os ou tros, to mando jun tos café e rapé, per guntava a mim mes mo se eram eles que po diam fa zer, des fazer e re fazer os ele mentos e governar com mão de fer ro este país.

Os se nadores com pareciam re gularmente ao tra-balho. Era raro não ha ver ses são por fal ta de *quo-rum*. Uma par ticularidade do tem po é que mu itos vi -

nham em car ruagem pró pria, como Za carias, Mon te Alegre, Abran tes, Ca xias e ou tros, co meçando pelo mais ve lho, que era o mar quês de Ita nhaém. A ida de deste fa zia-o me nos as síduo, mas ain da as sim era-o mais do que ca bia es perar dele. Mal se po dia ape ar do car ro, e su bir as es cadas; ar rastava os pés até à cadeira, que fi cava do lado di reito da mesa. Era seco e mir rado, usa va ca beleira e tra zia ócu los for tes. Nas cerimônias de aber tura e en cerramento agra vava o aspecto com a far da de se nador. Se usas se bar ba,

poderia dis farçar o chu pado e en gelhado dos te cidos, a cara ras pada acen tuava-lhe a de crepitude; mas a cara ras pada era o cos tume de ou tra qua dra, que ainda exis tia na ma ioria do Se nado. Uns como Na-buco e Za carias, tra ziam a bar ba toda fe ita; ou tros deixavam pe quenas su íças, como Abran tes e Pa ranhos, ou, como Olin da e Eu sébio, a bar ba em for ma de co lar; ra ros usa vam bi godes, como Ca xias e Mon -

tezuma – um Mon tezuma de se gunda ma neira.

A fi gura de Ita nhaém era uma ra zão vi sível con tra a vitaliciedade do Se nado, mas é tam bém cer to que a vi -

taliciedade dava àque la casa uma cons ciência de du-ração per pétua, que pa recia ler-se no ros to e no tra to dos seus mem bros. Ti nham um ar de fa mília, que se dispersava du

rante a es

tação cal

mosa, para ir às

águas e ou tras di versões, e que se re unia de pois, em prazo cer to, anos e anos. Alguns não tor navam mais, e ou tros no vos apa reciam; mas tam bém nas fa mília se morre e nas ce. Dis sentiam sem pre, mas é pró prio das famílias nu merosas bri garem, fa zerem as pa zes e tor-narem a bri gar; pa rece até que é a me lhor pro va de es -

tar den

tro da hu

manidade. Já en

tão se in

vocavam

contra a vi taliciedade do Se nado os prin cípios li berais, como se fi zera an tes. Algu mas vo zes, vi brantes cá fora, calavam-se lá den tro, é cer to, mas o gér men da re forma ia fi cando, os pro gramas o aco lhiam, e, como em vários ou tros ca sos, os su cessos o fi zeram lei.

Nenhum tu multo nas ses sões. A aten ção era gran de e cons tante. Ge ralmente, as ga lerias não eram fre qüen-tadas, e para o fim da hora, pou cos ex pectadores fi cavam, al guns dor miam. Na turalmente a dis cussão do voto de gra ças e ou tras cha mavam mais gen te. Na buco e al gum ou tro dos prin cipais da casa go zavam do pri vi-légio de atra ir gran de au ditório, quan do se sa bia que eles rom piam um de bate ou res pondiam a um dis curso. Nes tas oca siões mui ex cepcionalmente, eram ad mitidos ou vintes no pró prio sa lão do Se nado, como aliás era co mum na Câ mara tem porária; como nes ta, po rém, os ex pectadores não in tervinham com apla usos nas dis-cussões. A pre sidência de Aba eté re dobrou a dis cipli na



Vis con de de Abaeté

Sinimbu

do re gimento, por ventura me nos aper tada no tem po da presidência de Ca valcanti.

Não fal tavam ora dores. Uma só vez ouvi fa lar a Eu -

sébio de Qu

eirós, e a im

pressão que me de

ixou foi

viva; era flu ente, abun dante, cla ro, sem pre juízo do vi -

gor e da ener gia. Não foi dis curso de ata que, mas de defesa; fa lou na qua

lidade de che fe do Par tido Con servador, ou *papa*; Ita boraí, Uru guai, Sa ião Lo bato e ou -

tros eram *cardeais* e to dos for mavam o *consistório*, se -

gundo a cé lebre de finição de Ota viano no *Correio Mer* -

cantil. Não reli o dis curso, não te ria ago ra tem po nem oportunidade de fazê-lo; mas es tou que a im pressão não ha veria di minuído mu ito, pos to lhe fal te o efe ito da pró pria voz do ora dor, que se duzia. A ma téria era sobremodo in grata: tra tava-se de ex plicar e de fender o acúmulo dos car gos pú

blicos, acu sação fe ita na im-

prensa da opo sição. Era a tar de da oli garquia, o crepúsculo do do mínio con servador. As ele ições de 1860, na ca

pital, de

ram o pri

meiro gol pe na si

tuação; se

também de ram o úl timo, não sei; os par tidos nun ca se entenderam bem acer ca das ca usas ime diatas da pró -

pria que da ou su bida, sal vo no pon to de se rem al ter-nadamente a vi olação ou a res tauração da car ta cons -

titucional. Qu aisquer que fos sem, en tão, a ver dade é que as ele ições da ca pital na quele ano po dem ser con -

tadas como uma vi tória li beral. Elas trou xeram à minha ima ginação ado lescente uma vi são rara e es pecial do po der das ur nas. Não cabe in seri-la aqui; não di rei o mo vimento ge ral e o ca lor sin cero dos vo tantes, in ci-

tados pe los ar tigos da im prensa e pe los dis cursos de Teófilo Otto ni, nem os

lan ces, ce nas e bra dos de tais dias. Não me es

queceu a ma

ior par

te de

les; ain

da

guardo a im pressão que me deu um obs curo vo tante que veio ter com Otto ni, per to da ma triz do Sa cramen-to. Otto ni não o co nhecia, nem sei se o tor nou a ver.

Ele che gou-se-lhe e mos trou-lhe um maço de cé dulas, que aca bava de ti rar às es condidas da al gibeira de um agente con trário. O riso que acom panhou esta no tícia nunca mais se me apa gou da me mória. No meio das mais ar

dentes re

ivindicações des

te mun

do, al

guma

vez me des pontou ao lon ge aque

la boca sem nome,

acaso ali vi era con fessar can didamente, e sem ou tro prêmio pes

soal, o fino rou

bo pra

ticado. Não mo

fes

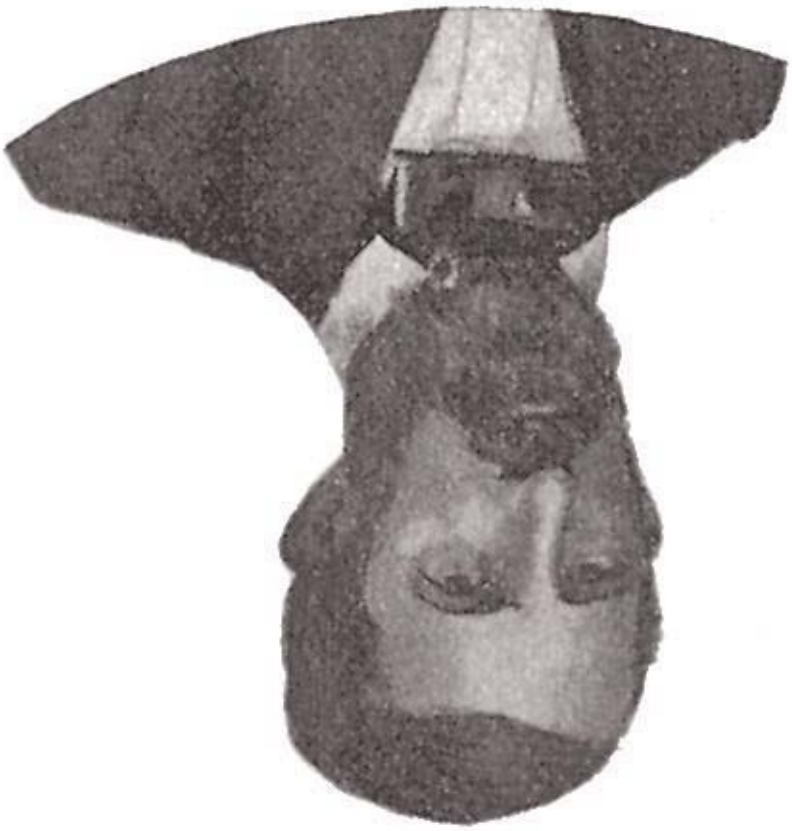
dessa in sistência pu eril da mi nha me mória; eu a tem -

po ad virto que as mais cla ras águas po dem le var de enxurro al guma pa lha po dre, – se é que é po dre, se é que é mes mo pa lha.

Eusébio de Qu eirós era jus tamente res peitado dos seus e dos con trários. Não ti nha a fi gura es belta de um Pa ranhos, mas li gava-se-lhe uma his tória par ticular e cé lebre, des sas que a crô nica so cial e po lítica de outros pa íses es colhe e exa mina, mas que os nos sos costumes, – aliás de masiado sol tos na pa lestra, – não consentem in serir no es crito. De res to, pou co va leria repetir ago ra o que se di vulgava en tão, não po dendo pôr aqui a pró pria e ex tremada be leza da pes soa que as ruas e sa las des ta ci dade vi ram tan tas ve zes. Era alta e ro busta; não me fi caram ou tros por menores.



Mar quês de Mon te Alegre



Teó fi lo Ottoni

– 37 –

O Se nado con tava ra ras ses sões ar dentes; mu itas, porém, eram ani madas. Za carias fa zia re viver o de ba-te pelo sar casmo e pela pres teza e vi gor dos gol pes.

Tinha a pa lavra cor tante, fina e rá pida, com uns efe itos de sons na turais, que a tor navam mais pe netran-te e ir ritante. Qu ando ele se er guia, era qua se cer to que fa ria de itar san gue a al guém. Che gou até hoje a reputação de *debater,* como opo sicionista, e como mi -

nistro e che fe de Ga binete. Ti nha au dácias, como a da es colha “não acer tada”, que a ne nhum ou tro acu -

diria, cre io eu. Po liticamente era uma na tureza seca e sobranceira. Um li vro

que foi de seu uso, uma his tó-

ria de Cla

rendon (*History of the re*

bellion and ci

vil

wars in England), mar cado em par tes, a lá pis en car-nado, tem uma su blinha nas se guintes pa lavras (vol.

I pág. 44) atri buídas ao con de de Oxford, em res posta ao du que de Buc kingham, “que não bus cava a sua amizade nem te mia o seu ódio”. É ar riscado ver sen timentos pes

soais nas sim

ples no tas ou lem

branças

postas em li vros de es tudo; mas aqui pa rece que o es -

pírito de Za carias achou o seu par ceiro. Par ticular-mente, ao con trário, e des de que se in clinasse a al -

guém, con vidava for

temente a amá-lo; era lha

no e

simples, ami go e con fiado. Pes soas que o fre qüenta-vam di zem e afir mam que, sob as suas ár vores da rua do Con de ou en tre os seus li vros, era um gos to ouvi-lo, e raro ha verá es quecido a gra ça e a po lidez dos seus ob séquios. No Se nado, sen tava-se à es quer-da da mesa, ao pé da ja nela, aba ixo de Na buco, com quem tro cava os seus re

paros e re

flexões. Na

buco,

outra das prin cipais vo zes do Se nado, era es pecial-mente ora dor para os de bates so lenes. Não ti nha o sarcasmo agu do de Za carias, nem o epi grama ale gre de Co tegipe. Era en tão o cen tro dos con servadores moderados que, com Olin da e Za carias, fun daram a liga e os par tidos pro gressistas e li beral. Jo aquim Na -

buco, com a elo qüência de es critor po lítico e a afe i-

ção de fi lho, dirá toda essa his tória no li vro que está consagrando à me mória de seu ilus tre pai. A pa lavra do ve lho Na buco era mo derada pe los ora dores da tri -

buna li beral fran cesa. A mi nha im pressão é que pre -

parava os seus dis cursos, e a ma neira por que os proferia re alçava-lhes a ma téria e a for ma só lida e

brilhante. Gos tava das ima gens li terárias: uma dessas, a com paração do po der mo derador à estátua de Glauco, fez en tão for tuna. O ges to não era vivo como o de Za carias, mas pa usado, o bus to che io era tran -

qüilo, e a voz ad quiria uma so noridade que ha bitual-mente não ti nha.

Mas eis que to das as fi guras se atro pelam na evo -

cação co mum, as de gran

de peso, como Uru

guai,

com as de pe queno ou ne nhum peso, como o pa dre Vasconcelos, se

nador cre

io que pela Pa

raíba, um

bom ho mem que ali achei e mor reu pou co de pois.

Outro, que se po dia in cluir nes sa se gunda ca tegoria, era um de quem só me lem bram duas cir cunstâncias, as lon gas bar bas gri salhas e sé rias, e a ca utela e pontualidade com que não vo tava os ar tigos de uma lei sem ter os olhos pre gados em Ita boraí. Era um



Fran cis co Jê Aca i a ba de Montezuma



Mar quês de Olinda

– 41 –

modo de cum prir a fi delidade po lítica e obe decer ao chefe, que her dara o bas tão de Eu sébio. Como o re -

cinto era pe

queno, viam-se to

dos es

ses gestos, e

quase se ou viam to das as pa lavras par ticulares. E, conquanto fos se as sim pe queno, nun ca vi rir a Itaboraí – cre io que os seus mús culos di ficilmente ri ri- am – o con trário de S. Vi cente, que ria com fa cilidade, um riso bom, mas que lhe não ia bem. Qu aisquer que fos sem, po rém, as de selegâncias fí sicas do senador por S. Pa ulo, e mal grado a pa lavra sem so -

noridade, era ou vido com gran de res peito, como Ita -

boraí. De Abran tes di zia que era um ca nário fa lando.

Não sei até que pon to me rece a de finição; em ver da-de, acha va-o flu ente, aca so doce, e, para um povo mavioso como o nos

so, a qua

lidade era pre

ciosa;

nem por isso Abran tes era po pular. Tam bém não o era Olin da, mas a au toridade des te sabe-se que era grande. Olin da apa recia-me en volvido na au rora re -

mota do re inado, e na mais re cente au rora li beral ou

“situação nas cente”, mote de um dos che fes da liga, penso que Za carias, que os con servadores glo saram por to dos os fe itios, na tri buna e na im prensa. Mas não des lizemos a re miniscências de ou tra or dem; fi -

quemos na sur dez de Olin da, que com petia com Be -

ethoven nes ta qua lidade, me nos mu sical que po líti-ca. Não se ria tão sur do. Qu ando ti nha que res ponder a alguém, ia sen tar-se ao pé do ora dor, e es cutava aten to, cara de már

more, sem dar um apar te, sem fa

zer um

gesto, sem to mar uma nota. E a res posta vi nha logo; tão

depressa o ad versário aca bava, como ele prin cipiava, e, ao que me fi cou, lú cido e com pleto.

Um dia vi ali apa recer um ho mem alto, su íças e bigodes bran cos e com pridos. Era um dos re manes-centes da Cons tituinte, nada me nos que Mon tezuma, que vol tava da Eu ropa. Foi-me im possível re conhecer na quela cara bar bada a cara ras pada que eu conhecia da li tografia de Sis son; pes soalmente nun -

ca o vira. Era, mu ito mais que Olin da, um tipo de velhice ro busta. Ao meu es pírito de ra paz afi gura-va-se que ele tra zia ain da os ru mores e os ges tos da

assembléia de 1823. Era o mes mo ho mem; mas foi preciso ouvi-lo ago ra para sen tir toda a ve emência dos seus ata ques de ou trora. Foi pre ciso ou vir-lhe a ironia de hoje para en tender a iro nia da quela re tificação que ele pôs ao tex to de uma per gunta ao mi -

nistro do Impé rio, na cé lebre ses são per manente de 11 a 12 de no vembro: “Eu dis se que o Sr. Mi nistro do Impé rio, por es tar ao lado de Sua Ma jestade, me -

lhor co nhecerá o es pírito da tro pa, e um dos se nhores se cretários es creveu o es pírito de Sua Ma jestade, quando não dis se tal, *porque des te não du vido eu*.” Agora o que eu mais ou via di zer dele, além do ta -

lento, eram as suas in fidelidades, e so bre isto cor ri-am ane dotas; mas eu nada te nho com ane dotas po lí-

ticas. Que se não pu desse fiar mu ito em seus ca rinhos par lamentares, cre io. Uma vez, por exem plo, encheu a alma de Sou sa Fran co de gran des ale luias.

Querendo cri

ticar o mi nistro da Fa zenda (não me



Vis con de do Uruguai

Eu sé bio de Queirós

– 45 –

lembra quem era) co meçou por afir mar que nun ca tivéramos mi nistros da Fa zenda, mas tão-so mente ministros do Te souro. Enca recia com ad jetivos: ex ce-lentes, ilus trados, cons pícuos mi nistros do Te souro, mas da Fa zenda ne nhum. “Um hou ve, Sr. Pre sidente, que nos deu al guma co isa do que deve ser um Ministro da Fa zenda; foi o no bre se nador pelo Pará.” E Sou sa Fran co sor ria ale gre, de leitava-se com a ex -

ceção, que de via doer ao seu for te ri val em fi nanças, Itaboraí; não pas

sou mu ito tem

po que per desse o

gosto. De ou

tra vez, Mon

tezuma ata

cava a Sou

sa

Franco, e este no vamente sor ria, mas ago ra a ex-pressão não era ale gre, pa recia rir de des dém. Mon -

tezuma em pina o bus to, en cara-o ir ritado, e com a voz e o ges to in tima-lhe que re colha o riso; e pas sa a demonstrar as suas crí ticas, uma por uma, com esta espécie de es tribilho: “Re colha o riso o no bre se nador!” Tudo isto ace so e tor vo. Sou sa Fran co quis re -

sistir; mas o riso re colheu-se por si mes mo. Era en -

tão um ho mem ma gro e can sado. Go zava ain da ago -

ra a po pularidade ga nha na Câ mara dos De putados, anos an tes, pela cam panha que sus tentou, so zinho e parece que en fermo, con tra o Par tido Con servador.

Contrastando com Sou sa Fran co, vi nha a fi gura de Paranhos, alta e for te. Não é pre ciso dizê-lo a uma ge -

ração que o co nheceu e ad mirou, ain da belo e ro bus-to na ve lhice. Nem é pre ciso lem brar que era uma das primeiras vo zes do Se nado. Eu tra zia de cor as pa lavras que al guém me con fiou ha ver dito, quan do ele

era sim ples es tudante da Esco la Cen tral: “Sr. Pa ranhos, você ain da há de ser mi nistro.” O es tudante respondia mo destamente, sor rindo; mas o pro feta dos seus des tinos ti nha apa nhado bem o va lor e a di reção da alma do moço.

Muitas re cordações me vi eram do Pa ranhos de en -

tão, dis cursos de ata que, dis cursos de de fesa; mas uma bas ta, a jus tificação do con vênio de 20 de fe ve-reiro. A no tícia des te ato en trou no Rio de Ja neiro, como as ou tras des se tem po, em que não ha via te lé-

grafo. Os su cessos do ex terior che gavam-nos a bra çadas, por ata cado, e uma ba talha, uma cons piração, um ato di

plomático eram co

nhecidos com to

dos os

seus por menores. Por um pa quete do Sul sou bemos do con vênio da vila da União. O pac to foi mal re cebi-do, fez-se uma ma nifestação de rua, e um gru po de populares, com três ou qua tro che fes à fren te, foi pe -

dir ao go verno a de missão do ple nipotenciário. Pa ranhos foi de

mitido, e, aber ta a ses

são par

lamentar,

cuidou de pro duzir sua de fesa.

Tornei a vê-lo na quele dia, e ain da ago ra me pa re-ce vê-lo. Ga lerias e tri bunas es tavam che ias de gen -

te; ao sa lão do Se nado fo ram ad mitidos mu itos homens po líticos ou sim plesmente cu riosos. Era uma hora da tar de quan do o pre sidente deu a pa lavra ao senador por Mato Gros so; co meçava a dis cussão do voto de gra ças. Pa ranhos cos tumava fa lar com moderação e pa usa; fir mava os de dos, er guia-os para o ges to len to e só brio, ou en tão para cha mar os pu nhos

Na bu co de Araújo

Vis con de de Itaboraí

da ca misa, e a voz ia sa indo me ditada e co lorida. Na -

quele dia, po rém, a ân sia de pro duzir a de fesa era tal que as pri meiras pa lavras fo ram an tes bra dadas que di tas: “Não a va idade, Sr. Pre sidente...” Daí a um ins tante a voz tor nava ao di apasão ha bitual, e o discurso con

tinuou como nos ou

tros dias. Eram

nove ho

ras da no

ite, quan

do ele aca

bou; es

tava

como no prin cípio, ne nhum si nal de fa diga nele nem no au

ditório, que o apla udiu. Foi uma das mais fundas im pressões que me de ixou a elo qüência par -

lamentar. A agi tação pas sara com os su cessos, a de -

fesa es tava fe ita. Anos de pois do ata que, essa mes -

ma ci dade acla mava o au tor da lei de 28 de se tem-bro de 1871, como uma gló ria na cional; e ain da de -

pois, quan do ele tor nou da Eu ropa, foi re cebê-lo e conduzi-lo até à casa. Ao cla rão de um belo sol, ru -

bro de co moção, le vado pelo en tusiasmo pú blico, Pa -

ranhos se guia as mes mas ruas que, anos an tes, vol -

tando do Sul, pi sara so zinho e con denado.

A visão do Senado, foi-se-me assim alterando nos gestos e nas pessoas, como nos dias, e sempre remota e velha: era o Senado daqueles três anos.

Outras figuras vieram vindo. Além dos cardeais, os Muritibas, os Sousa e Melos, vinham os de menor graduação política, o risonho Pena, zeloso e miúdo em seus discursos, o Jobim, que falava algumas vezes, o Ribeiro, do Rio Grande do Sul, que não falava nunca, – não me lembra, ao menos. Este, filó -

sofo e filólogo, tinha junto a si, no tapete, encostado

ao pé da cadeira, um exemplar do dicionário de Morais. Era comum vê-lo consultar um ou outro tomo, no decorrer de um debate, quando ouvia algum vocábulo, que lhe parecia de incerta origem ou duvidosa aceitação. Em contraste com a abstenção dele, eis aqui outro, Silveira da Mota, assíduo na tribuna, oposicionista por temperamento, e este outro, D. Manuel de Assis Mascarenhas, bom exemplo da geração que acabava. Era um homenzinho seco e baixo, cara lisa, cabelo raro e branco, tenaz, um tanto impertinente, creio que desligado de partidos. Da sua tenacidade dará idéia o que lhe vi fazer em relação a um projeto de subvenção ao teatro lírico, por meio de loterias. Não era novo; continuava o de anos anteriores. D. Manuel opunha-se, por todos os me ios, à passagem dele, e fazia extensos discursos. A Mesa, para acabar com o projeto, já o incluía entre os primeiros na ordem do dia, mas nem assim desanimava o senador. Um dia foi ele colocado antes de nenhum, D. Manuel pediu a palavra, e francamente declarou que era seu intuito falar toda a sessão; portanto, aqueles de seus colegas que tivessem algum negócio estranho e fora do Senado podiam retirar-se: não se discutiria mais nada. E falou até o fim da hora, consultando a miúdo o relógio para ver o tempo que lhe ia faltando.

Naturalmente não haveria muito que dizer em tão escassa matéria; mas a resolução do orador e a liberdade do regimento davam-lhe meio de compor o discurso. Daí nascia uma infinidade de episódios,

Ba rão de Muritiba

Sa ião Lobato

reminiscências, argumentos e explicações; por exemplo, não era recente a sua aversão às loterias; vinha do tempo em que, andando a vi ajar, foi ter a Hamburgo; ali ofereceram-lhe com tanta instância um bilhete de loteria, que ele foi obrigado a comprar, e o bilhete saiu branco. Esta anedota era contada com todas as minúcias necessárias para ampliá-la.

Uma parte do tempo falou sentado, e acabou diante da mesa e três ou quatro colegas. Mas, imitando assim Catão, que também falou o dia inteiro para impedir uma petição de César, foi menos feliz que o seu colega romano. César retirou a petição, e aqui as loterias passaram, não me lembra se por fadiga ou omissão de D. Manuel; anuência é que não podia ser.

Tais eram os costumes do tempo.

E após ele vi eram ou tros, e ain da ou tros, Sa pu-caí, Ma ranguape, Ita úna, e ou tros mais, até que se confundiram to

dos e de

sapareceu tudo, cou sas e

pessoas, como su cede às vi sões. Pa receu-me vê-los enfiar pôr um cor redor es curo, cuja por ta era fe cha-da por um ho mem de capa pre ta, me ias de seda preta, cal ções pre tos e sa patos de fi vela. Este era nada me nos que o pró prio por teiro do Se nado, ves -

tido se gundo as pra xes do tem po, nos dias de aber -

tura e en cerramento da as sembléia ge ral. Qu anta cousa ob soleta! Alguém ain da quis obs trar à ação do por teiro, mas ti nha o gesto tão can sado e va ga-roso que não al cançou nada; aque le deu vol ta à

chave, en volveu-se na capa, saiu por uma das ja ne-

las e es vaiu-se no ar, a ca minho de al gum ce mité-

rio, pro vavelmente. Se va lesse a pena sa ber o nome do ce mitério, iria eu catá-lo, mas não vale; to dos os cemitérios se pa recem.

Sumário

CRÔNICA DE

1 DE NOVEMBRO DE 1861

O QUE há de po lítica? É a per gunta que na turalmente ocor re a to dos, e a que me fará o meu le itor, se não é mi nistro. O si lêncio é a res posta. Não há nada, absolutamente nada. A tela da atu alidade po lítica é uma pa

isagem uni

forme; nada a per

turba, nada a

modifica. Dis sera-se um país onde o povo só sabe que existe po liticamente quan do ouve o fis co ba ter-lhe à porta.

O que dá ra zão a este ma rasmo? Ca usas ge rais e causas es peciais. Foi sem pre prin cípio do nos so go-verno aque le fa talismo que en trega os po vos ori entais de mãos ata das às even tualidades do des tino. O que há de vir, há de vir, di zem mu

itos mi nistros, que,

além de acha rem o sis tema cô modo, por amor da in -

dolência pró

pria, que rem tam

bém pôr a cul pa dos

maus acon tecimentos nas cos tas da en tidade in visí-

vel e mis teriosa, a que atri buem tudo.

Dizem, é ver dade, que há tal mi nistro que, ado tando po liticamente aque le prin cípio, des crê da sua le gitimidade quan do se tra ta da sua pes soa, e que, lon ge

de es perar que a chu va lhe tra ga água, vai à pró pria fonte bus

car com que es tancar a sede. O le itor vê

bem o que há de pro fundamente in jurioso em se me-lhante pro posição, e fa cilmente com preenderá o sen -

timento que me leva a não insis tir nes te pon to.

Mas, seja ou não as sim, o que nos im porta sa ber é que os nos sos go vernos são, sal vas as de vidas ex ce-

ções, mais fa talistas que um tur co da ve lha raça. Se -

ria este Mi nistério uma ex ceção? Não; tudo nele in di-ca a fi liação que o liga in timamente aos da boa es co-la. É um mi nistério-modelo; vive do ex pediente e do aviso; pou co se lhe dá do con teúdo do ofí cio, con tanto que te nha ob servado na con fecção dele as fór mulas tabelioas; dor me à no ite com a paz na cons ciência, uma vez que de ma nhã te nha as sinado o pon to na secretaria.

Está dada a ra zão por que su biu no meio das an tí-

fonas e das ora ções dos ami gos, ape sar dos tra vos de fel com que al guns qui seram fa zer-lhe amar gar a taça do po der. Di ziam es tes: “É um Minis tério me díocre”; mas, por Deus, por isso mes mo é que é su blime! Em nosso país a vul garidade é um tí tulo, a me diocridade um bra são; para os que têm a for tuna de não se ala -

rem além de uma es fera co mum é que nos for nos do Estado se coze e tos ta o ape titoso pão-de-ló, que é de -

pois re partido por eles, para a gló ria de Deus e da pá -

tria. Vai nis to um sen timento de ca ridade, ou, di rei mesmo, um prin cípio de eqüi dade e de jus tiça. Por toda a par te ca bem as ra galias às in teligências que se

D. Ma nu el de Assis Mascarenhas

Sou sa e Melo

aferem por um pa drão su perior; é bem que os que se não acham nes

te caso te

nham o seu qui

nhão em

qualquer pon to da Ter ra. E dão-lho gros so e su culen-to, a bem de se lhes pa gar as in júrias re cebidas da ci -

vilização.

Não se ad mire, por tanto, o le itor se não lhe dou notícias po líticas. Po lítica, como eu e meu le itor en-tendemos, não há. E de via ago ra exi gir-se de um mel -

ro o al cance do olhar da águia e o ras gado do seu vôo? Além de iló gico fora a cru eldade. Esta mos mu ito bem as sim; de mais, não pre cisa o Impé rio de ca pri-córnio.

É sob a ge rência des te Minis tério que vai efe tuar-se em nos sa ca pital uma fes ta in dustrial, a ex posição de 2 de de zembro.

Se o le itor acom panhou as dis cussões do Se nado este ano, deve lem brar-se que qua se no fim da ses são o se nhor Se nador Pena, que ali eja culou al guns dis -

cursos *notáveis*, en tre eles o dos pe sos e me didas do Sr. Ma nuel Fe lizardo, le vantou-se e pe diu a opi nião do se nhor minis tro do Fo mento acer ca da con veniência de re presentar o Bra sil na pró xima ex posição de Londres. O Sr. Minis tro, que por uma co incidência, que não pas sou des percebida, ha via pre visto os sen timentos do hon rado se nador, le vantou-se e de clarou que já ha via pen sado nis so, e que den tro de qua tro dias ti nham de apa recer as ins truções re gulamenta-res das ex posições par ciais no Bra sil, para de las ex-

trair-se o me lhor, e en viar-se à ex posição de Lon dres.

Portanto, os dois he

róis da ex

posição são os Srs.

Pena e o mi nistro do Fo mento, a quem, em mi nha opinião, de vem ser con feridas as pri meiras me dalhas, a não ser que se olhe como prê mio co memorativo a presidência de Mato Gros so e as aju das de cus

to,

que, por ele ição do sa grado con cílio, cou beram ao Sr.

Herculano Pena. Em todo o caso há uma dí vida con -

traída com o Sr. mi nistro do Fo mento.

As ins truções apa receram, um pou co si bilinas e in -

digestas, como sa lada mal pre parada, mas dig nas do ministro e do Mi nistério. E ime diatamente as or dens se ex pediram, com uma pres teza cuja ra ridade não posso de ixar de co memorar, e em toda a par te se pre -

param a esta hora as ex posições par ciais.

A da Cor te tem lu gar no dia 2 de de zem bro, no edi -

fício da es cola cen tral. A de coração está a car go do Sr. Dr. La gos, que é um dos mais im portantes ex po-sitores. Dis se-me al guém que àque le nos so dis tinto

patrício se en tregou uma soma fa bulosa… *mente* mes -

quinha, o que é re almente dig no de cen sura, se não atendermos à di visa do Mi nistério, e a que é im possí-

vel fa zer uma ex posição e ao mes mo tem po man dar uma jo vem co missão es tudar à Eu ropa os sis temas postais. A ex posição é uma co isa bo nita; mas há mu i-to moço que ain da não foi a Pa ris, e é pre ciso não de ixar que es ses be los es píritos mor ram aba fados pela nossa at mosfera bra sileira. Ora, a eco nomia…

Fran cis co Otaviano

Ba rão de Cotegipe

– 63 –

A ex posição cor responderá aos es forços dos seus diretores, se a aten ção pú blica não for des viada pela nova obra *Ensino Pra xedes*, de que dá no tícia a fo lha oficial. É um novo mé todo de en sino, fun dado so bre a filosofia do A B C. Ouço já o meu sô frego le itor per -

guntar-me o que é fi losofia do A B C. Eu ain da não li o pre cioso li vro; mas diz-me um bo ticário, que o fo-lheou en tre duas re ceitas, que essa fi losofia ci fra-se em de monstrar que não há en tre as le tras do al fabeto a di ferença que ge ralmente su põe-se, e que o A e o G

se pa recem como duas go tas de água. Tal vez o meu leitor não ache mu ito cla ra a iden tidade; mas é aí que está a su tileza do novo mé todo.

Ocorre-me lem brar uma co isa. Este li vro deve fi gu-rar na ex posição de Lon dres. Ali se re serva uma sala para a ex posição de pla nos, li vros e mé todos pe dagó-

gicos de en sino pri mário. Vê-se que o novo *Ensino* está cor rendo para lá como um rio para o mar.

A ma téria do en sino é gra ve e pro funda; não se deve per der ma terial al gum que pos sa ser vir à or gani-zação da ins trução pú blica, como ela deve ser fe ita.

Ora, com

preende-se bem que o sis

tema do *Ensino*

Praxedes vem dar um gran de avan ço, por que, se pela analogia, ou an tes iden tidade dos ca racteres, che gamos a con verter o al fabeto em uma só le tra, é evi dente que te remos fe ito mais do que to dos os que têm es -

tudado e de senvolvido a ma téria, e, se é dado cris mar o novo mé todo, pro ponho que se des denhe o tí tulo de

método-vapor, e que se lhe dê o que lhe com pete, *mé-*

todo-elétrico.

A obri gação de co mentar leva-me a fa zer tran sições bruscas; por isso pas so sem preâm bulo do novo li vro à ofer ta que por par te de al guns ami gos e ad mirado-res aca ba de ser fe ita ao Sr. Dr. Pi nheiro Gu imarães, autor do dra ma *História de uma moça rica*.

Afirmo que o le itor, se não é be ato, está tão con-vencido como eu da jus tiça da quela ofer ta. Ela sig ni-fica, além dis so, um des mentido so lene às cen suras que, em mal da com posição do novo dra maturgo, ha -

viam le vantado os que sen tem em si a alma da quele herói de Mo lière que *pecava em si lêncio e se aco moda-va com o Céu*.

As pal mas que acom panharam a en trega da co roa ao Sr. Dr. Pi

nheiro Gu

imarães con

firmaram ain

da

uma vez a boa opi nião que nos es píritos des preveni-dos e sin ceramente aman tes das le tras, tem cri ado o poeta. Estou cer to de que elas va lem mais que a alma devota dos cen sores.

Tem ou tro al cance a co roa do au tor da *História de uma moça rica*; é um in centivo à mo cidade la boriosa, que, ven do as sim apla udidas e fes tejadas as com posi-

ções na cionais, não se de ixará fi car no es curo, e virá cada ope rário por sua vez en riquecer com um re levo o monumento da arte e da li teratura.



Za ca ri as de Góis e Vasconcelos

Mar quês de Sapucaí

– 67 –

A nos sa ca pital tem sido vi sitada por mais de um mágico, e sem dú vida está ain da fres ca a im pressão que pro duziu o dis

tinto Her mann, que fa zia co isas com aque las ben tas mãos de pôr a gen te a olhar ao sinal. No tem po em que Her mann di vertia a cu riosi-dade in fantil do nos so povo, che gou aqui um co lega, que, re conhecendo não po der com petir com tão dis-tinto mes

tre, re

solveu es

perar me

lhores dias, e foi

exercer a sua arte pelo in terior.

Agora apa rece ele, o Sr. Fi lipe, fi lho de um má gico célebre de Pa ris. Tra balha com des treza e ha bilidade, e faz pas sar ao es pectador al gumas ho ras de

ver da-deira sa

tisfação. Se o meu le

itor qui

ser ve

rificá-lo

deve ir ao Gi násio sem pre que o Sr. Fi lipe tra balhar.

Efetua-se hoje à tar de a gran de re gata de que fa lei em um dos meus “Co

mentários” pas

sados, e cujo

programa as fô lhas pu blicaram on tem.

Ao que pa

rece, o di

vertimento será em re

gra, e

amadores e es pectadores te rão uma tar de de liciosa a passar. Com preende-se bem que os in gleses se dis-traíam das suas gra

ves pre

ocupações para to

mar

parte ou pre senciar uma re gata, hoje que o di vertidís-simo soco-in

glês é pu nido pe las leis da Grã-Bre ta-nha. Ve jam se não ex cita a fi bra ver qua tro es caleres rasgando com as qui lhas cor

tadoras o seio de um

mar cal mo e azul, e os re meiros, com o es tímulo e o entusiasmo nos olhos, em pregando toda a pe rícia, a

ver quem pri meiro che ga ao termo da car reira, que é a ter ra da pro missão!

Diga-se o que se qui ser dos in gleses, mas con fes-se-se que nes ta pre dileção pela re gata e ou tros di vertimentos do mes mo gê

nero mos tram eles que Deus

também os do

tou da bos

sa do bom gôs

to. Hon

ra

àqueles gra ves in sulares!

Os mo ços que hoje to mam par te na re gata são pela maior par te ofi ciais da nos sa jo vem ma rinha, mas en -

tram no di vertimento, fran ceses e in gleses que não deviam fa ltar a ele. A fes ta é, por tanto, com pleta, e desta vez é de veras uma re gata, pois que os es caleres devem cor rer pró ximos à pra ia, para que to dos pos -

sam ver.

Depois da fes ta do mar, vem a fes ta dos ce mitérios, a co memoração dos mor tos, pi edosa ro magem que a população faz às pe

quenas e so

litárias ne

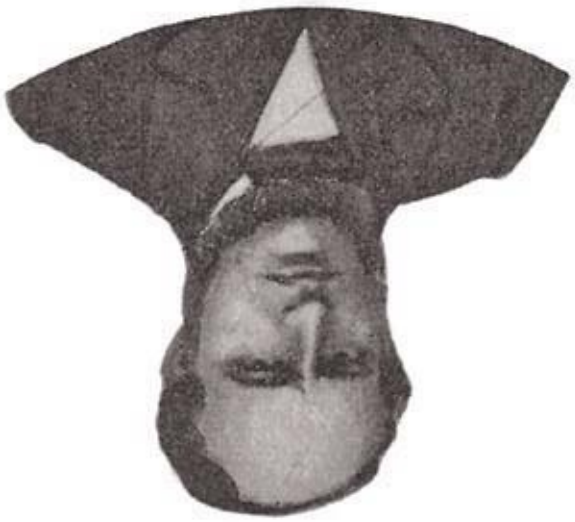
crópoles,

onde re pousam os res tos do ir mão, do pai, do con sor-te, da mãe e do ami go.

É uma pe regrinação im ponente. Os ro meiros vão de luto orar pe los que re pousam no úl timo ja zigo, e derramar à vis ta de to dos as lá grimas da sa udade e da tris teza. É esta uma das prá ticas dos po vos cris -

tãos que mais im pressiona a alma do ho mem ver da-deiramente re ligioso, em bora a va idade hu mana ma -

cule, como acon tece em todas as co isas da vida, a grave e me lancólica ce rimônia, com as suas sun tuosas dis tinções.



Sil ve i ra da Mota

Dizem os que têm vi

sitado a an

tiga ci

dade de

Constantino que há uma gran de di ferença en tre um cemitério tur co e um ce mitério cris tão. Aque le não

inspira o sen timento que se ex perimenta quan do se entra nes te. O tur

co en trelaça a mor

te à vida, de

modo que não se pas seia com ter ror ou me lancolia entre duas alas de tú mulos. A ra zão des ta di ferença parece es tar na pró pria re ligião. O que que reis que seja a mor te para um povo a quem se pro mete na eternidade a eter nidade dos go zos mais vo luptuosos que a ima

ginação mais viva pode ima

ginar? Esse

povo, que vive no re quinte dos pra zeres ma teriais, só entende o que lhe fala aos sen

tidos, e con

sidera

bem-aventurados os que mor reram, que já go zam ou estão per to de go zar os pra zeres pro metidos pelo Pro -

feta.

Mas, fi losoficamente, te rão ra zão eles ou nós fi lhos da igreja cris tã? Há ra zão para am bas as par tes, e cumpre aca tar os sen timentos alhe ios, para que não desrespeitem os nos sos.

Gil

Sumário

CRÔNICA DE

13 DE DEZEMBRO DE 1896

O Se nado de ixou sus pensa a ques tão do *veto* do prefeito acer ca do im posto so bre com panhias de te atro. Não fa laria nis to se não se tra tasse de arte em que a po lítica não pe netra, – ao me nos que se veja. Se penetra, é pe los bas tidores; ora, eu sou pú blico, só me re gulo pela sala.

Houve de bate à úl tima hora, esta se mana, e de ba-te, não di rei en carniçado, para não gas tar uma pa lavra que me pode ser vir em caso mais agu do... Não, eu não sou des ses per dulários que, por que um ho mem diverge no cor te do co lete, cha ma-lhe logo ban dido; eu pou po as pa lavras. Di gamos que o de bate foi vi go-roso.

Não sei se co nheceis o ne gócio. O que eu pude al -

cançar é que ha

via uma lei ta

xando for

temente as

companhias es

trangeiras; esta lei foi re

vogada por

outra que man da igua lar as ta xas das es trangeiras e das na cionais; mas logo de pois re solveu o con selho municipal que fos se cum prida uma lei an terior à pri -

meira... Aqui é que eu não sei bem se a lei res taurada

apenas le vanta as ta xas sem de sigualá-las, ou se as torna ou tra vez de siguais.

Além de não es tar cla ro no debate, su cede que na pu blicação dos dis cursos há o uso de im primir en tre pa rêntesis a pa lavra *lê* quan do o ora dor lê al guma cou sa. Para as pes soas que es tão na ga leria, é inú til tra zer o que o ora dor leu, por que essas ou viram tudo; mas como nem to dos os con tribuintes es tão na ga leria, (ao con trário!) a con seqüência é que a ma ior par te fica sem sa ber o que é que se leu, e por tanto sem per ceber a for ça da ar gumenta-

ção, isto com pre

juízo dos pró

prios ora

dores. Por

exemplo, um ora dor, X..., re futa a ou tro, Y...:

“X... e per gunto eu, V. Exª pode ad mitir que o do -

cumento de que se tra ta afir me o que o go verno do Estado ale ga? Ouça V. Exª. Aqui está o pri meiro tre -

cho, o tre cho cé lebre. (*Lê*) Não há aqui o me nor ves tí-

gio de afir mação...

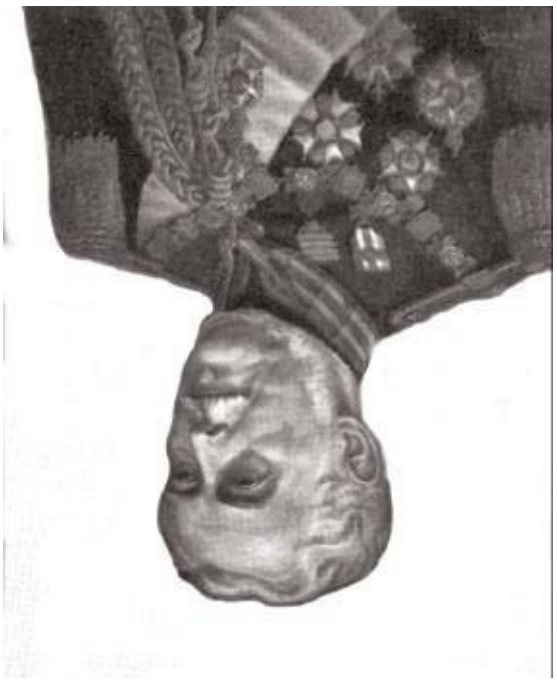
“Y... Per dão, leia o tre cho se guinte.

“X... O se guinte? Ain da me nos. (Lê) Não há nada mais vago. O go vernador ex pedira o de creto, cujo art.

4º não ofe rece a me nor dú vida; bas ta lê-lo. (Lê) De po-is dis to, que con cluir, se não que o go vernador ti nha o plano fe ito? Qu erem ar gumentar, Sr. Pre sidente, com o § 7º do art. 6º; mas essa dis posição é um ab surdo jurídico. Ouça a câ mara. (Lê)

“Vozes: Oh! Oh!”

Sou sa Franco



Du que de Caxias

– 75 –

Não há dú vida que este uso eco nomiza pa pel de impressão e tem po de co piar; mas eu, con tribuinte e eleitor, não gos to de eco nomias na pu blicação dos de -

bates. Uma vez que es tes se im primem, é in dispensá-

vel que sa

iam com

pletos para que eu os en

tenda.

Posso ser pa ralítico, pre guiçoso, mo rar fora, e te nho o direito de sa ber o que é que se lê nas câ maras. Se al -

gum mem bro ou ex-mem bro do Con gresso me lê, es -

pero que pro videnciará de modo que, para o ano, eu possa ler o que se ler, sem ir pas sar os meus dias na galeria do Con gresso.

Como ia di zendo, não te nho cer teza do que é a lei municipal res taurada; mas para o que vou di zer é in -

diferente. O que de duzi do de bate é que há duas opi -

niões: uma que en tende de verem ser as com panhias estrangeiras for temente ta xadas, ao con trário das na -

cionais, ou tra que quer a igual dade dos im postos. A primeira fun da-se na con veniência de de senvolver a arte bra sileira, ani mando os ar tistas na

cionais que

aqui la butam todo o ano, seja de in verno, seja de ve -

rão. A se gunda, en tendendo que a arte não tem pá-

tria, ale ga que as com panhias es trangeiras, além de nos dar o que as ou tras não dão, têm de fa zer gran -

des des pesas de trans portes, pa gar or denados al tos e não con vém car regar mais as res pectivas ta xas. Tal é o con flito que fi cou sus penso.

Eu de mim cre io que am

bas as opi niões er

ram.

Não er ram nos fun damentos teó ricos; tan to se pode defender a uni versalidade da arte como a sua na cio-

nalidade; er ram no que toca aos fa tos. Com efe ito, é difícil, por mais que a alma se sin ta le vada pelo prin -

cípio da uni versalidade da arte, não he sitar quan do nos fa lam da ne cessidade de de fender a arte na cional; mas é jus tamente este o pon to em que a vi são do conselho mu nicipal, do pre feito e do Se nado me pa re-ce algo per turbada.

Posto não fre qüente te atros há mu ito tem po, sei que há aí uma arte es pecial, que eu já de ixei em bo -

tão. Essa arte (sal vo al guns es forços lou váveis) não é propriamente bra sileira, nem es tritamente fran cesa; é o que po demos cha mar, por um vo cábulo com posto, a arte fran

co-brasileira. A lín

gua de que usa di-

zem-me que não se pode atri buir ex clusivamente a Voltaire, nem in teiramente a Alen car; é uma lín gua feita com par tes de am bas, for mando um ter ceiro or -

ganismo, em que a po lidez de uma e o mimo de ou tra produzem nova e não me nos doce pro sódia.

Este fe

nômeno não é úni

co. O te

uto-brasileiro é

um pro duto do Sul, onde o ale mão nas cido no ter ritó-

rio na cional não fica bem ale mão nem bem bra sileiro, mas um mis to, a que lá dão aque le nome. Igno ro se a língua da quele nos so meio pa trício e in teiro co labora-dor é um or ganismo igual ao fran co-brasileiro; mas se as es colas das an tigas co lônias con tinuam a só en -

sinar ale mão, é pro vável que do mine esta lín gua. Nis -

to es tou com La Pa lisse.

Não é pelo nas cimento dos ar tistas que a arte fran -

co-brasileira exis te, mas por uma com binação do Rio com Pa

ris ou Bor

déus. Essa arte, que as fi

nadas

Mmes. Do che e D. Este la não re conheceriam por não trazer a fi sionomia par ticular de um ou de ou tro dos respectivos idi omas, tem a le gitimidade do acor do e da fu são nos ele mentos de am bas as ori gens. Qu ando nasceu? É di fícil di zer quan do uma arte nas ce; mas basta que haja nas cido, te nha crescido e viva. Vive, não lhe peço ou tra cer tidão.

Acode-me, en tretanto, uma idéia que pode com bi-nar mu ito bem as duas cor rentes de opi nião e sa tis-fazer os in tuitos de am bas as par tes. Essa idéia é lan -

çar uma taxa mo derada às com panhias es trangeiras e li bertar de todo im posto as na cionais. Des te modo, aquelas vi rão tra zer-nos to dos os in vernos al gum re -

galo novo, e as na cionais po derão vi ver de sabafadas de uma im posição one rosa, por mais leve que seja.

Creio que as sim se cum prirá o de ver de ani mar as artes, sem dis tinção de origens, ao mes mo tem po que se pro

tegerá a arte na

cional. Que im porta que, ao

lado dela, seja pro

tegida a arte fran

co-brasileira?

Esta é um fru to lo cal; se me rece me nos que a ou tra, não de ixa de fa zer al gum jus à eqüi dade. Aí fica a idéia; é exe qüível. Não a dou por di nheiro, mas

de graça e a sé rio.

Não me ar guam de pres tar tan ta aten ção à lín gua de uma arte e à meia lín gua de ou tra. Gran de cou sa é a lín gua. Aque le di plomata ve nezolano que aca ba de

atordoar os es píritos dos seus com patriotas pela re ve-lação de que o tra tado ce lebrado com a Ingla terra, gra -

ças aos bons ofí cios dos Esta dos Uni dos, ser ve ao in-teresse des tes dous pa íses com per da para Ve nezuela, pode não ter ra zão (e cre io que não te nha), mas dá prova cer ta do que vale a lín gua. Os ou tros dous são ingleses, fa lam in glês; foi o pai que en sinou esta língua ao fi lho. Ve nezuela é uma das mu itas fi lhas e ne -

tas de Espa nha que se de ixaram fi car por este mun do.

A lín gua cas telhana é rica; mas é me nos fa lada. Se o diplomata ti vesse ra zão, em Ca racas, que é o Rio de Janeiro de Ve nezuela, as com panhias na cionais é que agüentariam os ma iores im postos, en quanto que as de Londres e New York re presentariam sem pa gar nada.

Mas é um des vario, de certo; es peremos ou tro te legra-ma.

Relevem o es tilo e as idéi as; a mi nha dor de ca beça não dá para mais.

Sumário

NOTAS BIOGRÁFICAS DE SENADORES

DO IMPÉRIO CITADOS EM “O VELHO SENADO”

– Qu intino Antô nio Fer reira de Sou sa – Qu intino Bo caiú va (Nasceu em 4.12.1836, RJ, e mor reu em 11.6.1912, RJ).

Senador Cons tituinte (12.12.1890 a 29.12.1891), Se nador (8.9.1892 a 29.12.1899 e de 1909 a 1912) pelo Rio de Ja

neiro. Pre

sidente da Pro

víncia do Rio de Ja

nei ro

(1900 a 1903). Vice-Pre sidente do Se nado (de maio de 1909 a maio de 1911). Mi nistro das Re lações Exte riores (1889 a 1891) e Mi nistro Inte rino da Agri cultura (1889) do Go verno Pro visório de De odoro da Fon seca.

– João Lus tosa da Cu nha Pa ranaguá (2º Vis conde e 2º

Marquês da Pa

ranaguá. Nas

ceu em 21.8.1821, PI, e

morreu em 9.2.1912, RJ.) Se

nador de 9.5.1865 a

15.11.1889, PI.

– João Lins Vi eira Can sanção de Si nimbu (Vis conde de Si -

nimbu. Nas

ceu em 20.11.1810, AL, e mor

reu em

27.12.1907, RJ.) Se nador de 15.5.1858 a 15.11.1889, AL.

– Afon so Cel so de Assis Fi gueiredo (Vis conde de Ouro Pre -

to. Nas ceu em 2.2.1837, MG, e mor reu em 21.2.1912, RJ.) Se nador de 26.4.1879 a 15.11.1889, MG.

– Con selheiro Za carias de Góis e Vas concelos. (Nas ceu em 15.11.1815, BA, e mor reu em 28.12.1877, RJ.) Se nador de 16.2.1864 a 28.12.1877, BA.

– José da Cos ta Car valho (Vis conde e Mar quês de Mon te Alegre. Nas

ceu em 7.2.1796, BA, e mor

reu em

18.9.1860, SP). De

putado Cons

tituinte (3.5 a 11.11.

1823), De

putado (8.5.1826 a 3.9.1829; 3.5.1830 a 1.11.1831) pela Ba hia e de 3.5.1838 a 29.4.1839, por São Pa ulo. Se nador (4.5.1839 a 18.9.1860) por Ser gipe.

Presidente do Se nado (1.5.1842 a 1.5.1843); Mem bro da Re

gência Tri

na Per

manente (17.6.1831 a

11.10.1835); Pre

sidente do Con

selho de Mi

nistros

(6.10.1849 a 10.5.1852) e Mi

nistro do Impé

rio

(29.9.1848 a 10.5.1852) do 10º Ga binete do II Impé rio.

– Mi guel Cal mon du Pin e Alme ida (Mar quês de Abran tes.

Nasceu em 26.10.1794, BA, e mor

reu em 13.9.1865,

RJ.) Se nador de 28.7.1840 a 13.9.1865, CE.

– Luís Alves de Lima e Sil va (Du que de Ca xias. Nas ceu em 25.8.1803, RJ, e mor reu em 7.5.1880, RJ). Se nador de 11.5.1846 a 7.5.1880, RS. Pre sidente das Pro víncias: do Maranhão (7.2.1840 a 12.5.1841) e do Rio Gran de do Sul (9.11.1842 a 10.12.1846; e de 30.6.1851 a 30.6.1855).

– Ma

nuel Iná

cio de Andra de Sou

to Ma

ior Pin to Co

elho

(Marquês de Ita nhaém. Nas ceu em 5.5.1782, RJ, e mor -

reu em 17.8.1867, RJ.) Se

nador de 30.12.1844 a

17.8.1867, MG.

– José To más Na buco de Ara újo. (Nas ceu em 14.8.1813, BA, e mor reu em 19.3.1878, RJ.) Se nador de 1.6.1858 a 19.3.1878, BA.

– José Ma ria da Sil va Pa ranhos (Vis con de do Rio Bran co.

Nasceu em 16.3.1819, BA, e mor reu em 1.11.1880, RJ).

Senador de 5.5.1863 a 1.11.1880, MT. Di plomata e

Conselheiro de Esta do. Pre sidente da Pro víncia do Rio de Ja neiro (30.10.1858 a 9.11.1859).

– Pe dro de Ara újo Lima (Mar quês de Olin da. Nas ceu em 22.12.1793, PE, e mor reu em 7.6.1870, RJ). Se nador de 6.9.1837 a 7.6.1870, PE.

– Eu sébio de Qu eirós Cou tinho Ma toso Câ mara. (Nas ceu em 27.12.1812, São Pa ulo de Lu anda, Ango la, e mor reu em 7.5.1868, RJ.) Se nador de 22.5.1854 a 7.5.1868, RJ.

– Fran cisco Jê Aca iaba de Mon tezuma (Vis conde de Je qui-tinhonha. Nas

ceu em 23.3.1794, BA, e mor

reu em

15.2.1870, RS.) Se nador de 6.5.1851 a 15.2.1870, BA.

– Antô nio Pa ulino Lim po de Abreu (Vis conde de Aba eté.

Nasceu em 22.9.1798, Lis boa, e mor reu em 14.9.1883, RJ.) Se nador de 28.4.1848 a 14.9.1883, MG.

– Ma nuel Iná cio Ca valcanti de La cerda (Ba rão de Pi rapa-ma. Nas ceu em 1799, PE, e mor reu em 11.3.1882, RJ).

Deputado Cons tituinte (3.5 a 11.11.1823) por Per nambuco; De putado pelo Ma ranhão (3.5.1832 a 6.10.1833); Deputado (3.5.1838 a 21.11.1841 e de 1.1.1843 a 24.5.1844) e Se nador (18.4.1850 a 11.3.1882) por Per-nambuco. Pre sidente do Se nado (8.5.1854 a 3.5.1861).

– Jo aquim José Ro drigues Tor res (Vis conde de Ita boraí.

Nasceu em 13.12.1802, RJ, e mor reu em 8.1.1872, RJ.) Senador de 6.5.1844 a 8.1.1872, RJ.

– Pa

ulino José So ares de Sou sa (Vis conde do Uru guai.

Nasceu em 4.10.1807, Pa ris, e mor reu em 15.7.1866, RJ.) Se nador de 29.8.1849 a 15.7.1866, RJ.

– 82 –

– Fran cisco de Pa ula de Ne greiros Saião Lo bato (Vis conde de Ni

terói. Nas

ceu em 25.5.1815, RJ, e mor

reu em

14.7.1884, RJ). De putado (1.1.1850 a 4.9.1852; 3.5 a 20.9.1853; 3.5.1861 a 12.5.1863 e de 22.5.1867 a 20.7.1868) e Se nador (8.6.1869 a 14.7.1884) pelo Rio de Janeiro. Mi nistro do Impé rio (3.3 a 20.4.1861) e da Jus -

tiça (3.3.1861 a 23.5.1862) do 16º Ga binete do II Impé -

rio e Mi nistro da Jus tiça (7.3.1871 a 19.4.1872) do 25º

Gabinete do II Impé rio. Con selheiro de Esta do.

– Teó filo Be nedito Oto ni. (Nas ceu em 27.11.1807, MG, e morreu em 17.10.1869, RJ.) Se nador de 18.1.1864 a 17.10.1869-MG.

– João Ma urício Van derlei (Ba rão de Co tegipe. Nas ceu em 23.10.1815, BA, e mor reu em 13.2.1889, RJ.) Se nador de 9.5.1856 a 13.2.1889, BA.

– Pa dre Antô nio da Cu nha Vas concelos. Se nador de 18.5.

1836 a 25.5.1868, PB.

– Ber nardo de Sou sa Fran co (Vis conde de Sou sa Fran co.

Nasceu em 28.6.1805, PA, e mor reu em 8.5.1875, RJ.) Senador de 12.6.1855 a 8.5.1875, PA.

– Ma nuel Vi eira Tos ta (Ba rão, Vis conde e Mar quês de Mu -

ritiba. Nas

ceu em 12.7.1807, BA, e mor

reu em

22.2.1896, RJ.) Se nador de 6.5.1851 a 15.11.1889, BA.

– Ma

nuel Fe

lizardo de Sou

za e Melo. (Nas

ceu em

5.12.1806, RJ, e mor reu em 16.8.1866, RJ.) Se nador de 29.12.1849 a 16.8.1866, RJ.

– Her culano Fer reira Pena. (Nas ceu em 1811, MG, e mor -

reu em 27.9.1867, RJ.) Se

nador de 2.5.1855 a

27.9.1867, AM.

– José Mar tins da Cruz Jo bim. (Nas ceu em 26.2.1802, RJ, e mor reu em 23.8.1878, RJ.) Se

nador de 6.5.1851 a

23.8.1878, ES.

– José de Ara újo Ri beiro (Ba rão e Vis conde do Rio Gran de.

Nasceu em 20.7.1800, RS, e mor reu em 21.7.1879, RJ) Senador de 29.2.1849 a 21.7.1879, RS.

– José Iná cio Sil veira da Mota (Nas ceu em 15.2.1807, GO, e mor reu em 16.10.1893, RJ). De

putado (1.1.1850 a

4.9.1852 e de 3.5.1853 a 12.9.1854 – subs tituído de 7.5

a 25.5.1854) por São Pa

ulo e Se

nador (8.5.1855 a

15.11.1889) por Go iás.

– Ma nuel de Assis Mas carenhas (Nas ceu em 28.8.1805, GO, e mor reu em 30.1.1867, RJ). Ma gistrado. De putado pelo Rio Gran de do Nor te (1.1.1843 a 24.5.1844), por Goiás (1.1.1845 a 18.9.1847) e pelo Rio de Ja neiro (1.1

a 11.6.1850). Se

nador pelo Rio Gran

de do Nor

te

(17.5.1850 a 30.1.1867) e Pre sidente das Pro víncias do Rio Gran

de do Nor

te (3.11.1838 a 12.1.1841 e de

4.12.1841 a 31.3.1842) e do Espí rito San to (19.10.1843

a 25.12.1844.)

– Cân

dido José de Ara újo Vi ana (Mar

quês de Sa pucaí.

Nasceu em 15.9.1793, MG, e mor reu em 23.1.1875, RJ.) Magistrado e Con selheiro do Esta do. De putado Cons tituinte (3.5 a 11.11.1823) e De

putado (8.5.1826 a

3.9.1829; 3.5.1830 a 6.10.1833 – subs tituído de 3.5 a 21.10.1832; 3.5.1834 a 15.10.1837 e de 3.5.1838 a 28.10.1839) por Mi

nas Ge

rais. Pre

sidente do Se

nado

(4.1.1851 a 7.5.1854); Pre sidente das Pro víncias: de Ala -

goas (14.2 a 31.12.1828) e do Ma ranhão (14.1.1829 a 12.10.1832); Mi

nistro da Fa

zenda (14.12.1832 a

12.6.1834) e da Jus tiça (14.5 a 3.6.1833) do 3º Ga bine-

te da Re gência Tri na Per manente e Mi nistro do Impé rio (23.3.1841 a 19.1.1843) do 2º Ga binete do II Impé rio.

– Ca etano Ma ria Lo pes Gama (Vis conde de Ma ranguape.

Nasceu em 5.8.1795, PE, e mor reu em 21.6.1864, RJ.) Senador de 4.5.1839 a 21.6.1864, RJ.

– Cân dido Bor ges Mon teiro (Ba rão e Vis conde de Ita úna.

Nasceu em 12.10.1812, RJ, e mor

reu em 25.8.1872,

RJ). De

putado (3.5.1853 a 20.9.1856) e Se nador

(1.5.1857 a 25.8.1872) pelo Rio de Ja neiro. Pre sidente da Pro víncia de São Pa ulo, de 27.8.1868 a 29.7.1869 e Ministro da Agri cultura (20.4 a 23.8.1872) do 25º Ga binete do II Impé rio.

Sumário

O ve lho Se nado, de Ma chado de Assis, foi com posto em Bo okman, cor po 9, e im presso em pa pel vergê are ia 85g/m², nas ofi cinas da SEEP (Se cretaria Espe cial de Edi toração e Pu blicações), do Se nado Fe deral, em Bra sília.

Acabou-se de im primir em de zembro de 2004, de acor do com o pro grama edi torial e pro jeto grá fico do Con selho Editorial do Se nado Federal